

## **AS IDÉIAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRÁTICA DO ESPORTE VIGENTES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SANTOS NOS INÍCIOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA.**

**Eliane Guimarães de Campos Prates**

O período compreendido por esta pesquisa é da década de 1890 (época da fundação dos primeiros clubes de regatas) a 1920 (que inclui as obras dos educadores Fernando de Azevedo e Arthur Porchat de Assis).

O estudo sobre as idéias de educação física e a prática do esporte vigentes na formação de professores em Santos, nos inícios da Primeira República, tornou-se um verdadeiro périplo através dos anais da literatura científica, sua interligação nas origens, nos desdobramentos e nas extrapolações dos fatos.

Para a consecução desse objetivo valemo-nos de uma busca documental e bibliográfica sobre o tema, e privilegiamos a análise de obras teóricas como “Da Educação Física” de Fernando de Azevedo e “Eduquemos”, do Dr. Arthur Porchat de Assis, educador santista. Foi também importante para dar o contexto do esporte, o opúsculo “A história do Remo em Santos”, publicado pela Prefeitura Municipal local. Na análise historiográfica, tivemos presente as questões propostas.

Este trabalho tem a intenção de preencher uma lacuna nos trabalhos relevantes publicados sobre a cidade de Santos, contribuindo para a compreensão da introdução da educação física nas práticas escolares santistas na Primeira República.

Remeter ao passado para o conhecimento de uma realidade presente no arcabouço sócio-cultural santista, nos seus fazeres da vida cotidiana, na sua estrutura urbana típica de cidade litorânea e afeita às coisas do mar, parece dar materialidade a essa aproximação intencional.

As práticas esportivas em Santos, o processo de valorização dessas atividades - não só o banho de mar terapêutico - principalmente do remo e natação, levando à abertura de novos espaços de lazer e divertimento (vários clubes de regatas são fundados ao final de século XIX) afirmavam-se como elementos da cultura.

Olhando a realidade histórico-social de nosso país, na passagem do século XIX e nas primeiras décadas da Primeira República, a convicção da necessidade de se estimular, no conhecimento do corpo humano, a educação física, atinge a **urbs** santista e seu arcabouço social. De acordo com Sevcenko:

[...] nesse complexo sistema articulado pelas noções básicas de limpeza, saúde e beleza, o símbolo central era sem dúvida a imagem do corpo humano, utilizado intensamente pela publicidade comercial ou pela oficial, e apresentado em geral semidespido, jovem, saudável, atlético e impoluto. ( SEVCENKO, 1998, p.575 ).

Santos, cidade marítima, na passagem do século XIX para o XX, vivia um enorme surto de urbanização, num período de riqueza e progresso promovido pelo café, compondo sua população de novos sujeitos, grande parte de europeus. Uma nova ordem burguês-capitalista em construção participada por fazendeiros e comerciantes (economia agro-exportadora) promove em seu contexto social os ideais de modernidade.

O “ouro verde” foi responsável pelo desenvolvimento, no litoral, de uma elite e classe média ligadas ao comércio daquele produto de exportação, categorias sociais que davam suporte à prática da atividade esportiva como valor cultural. Começava a delinear-se uma sociabilidade marcada pela convivência em grupo e pelo desfrute de novos espaços públicos e privados, como os clubes e as associações atléticas formadas por indivíduos das camadas altas e médias, para a prática da ginástica e de esportes.

As propostas de intervenções urbanas como práticas para “civilizar” pela higiene e saneamento articulam-se em Santos: medidas sanitárias, construção de canais, modernização do porto, abertura de novos bairros, representam a cidade buscando novos padrões de civilidade, associados à construção de uma sociabilidade urbana e a novos códigos de conduta burguesa, entre eles a prática do esporte. Para os agentes sociais favoráveis à modernização, tratava-se de criar um outro panorama, livrando a cidade do longo período de epidemias e da alcunha de “città maledeta”.

“Ícone da Modernidade, espaço público legitimador de um novo poder que pregava uma organização social de cidadãos emancipados, estavam a cidade e seu traçado. Novas faces, novas curvaturas, um corpo estava para ser construído.”(VAGO, 2002, p.30)

O final do século XIX e início do XX, com seus novos cenários e personagens reconhecidos como “símbolos de civilização”, ressaltam os problemas ocasionados pelas epidemias, habitações coletivas; foram essas condições sanitárias que levaram os homens de ciência a elaborarem propostas de intervenções urbanas para

“civilizar” pela higienização e saneamento. Fazia-se necessário extirpar tudo que era considerado insalubre, eliminando os focos dos males. Teoria e prática articulam-se em novas estratégias de intervenção, e esse papel modernizador coube em grande parte à educação. A prioridade à infância e à juventude pela concepção de “infância plástica e plasmável” aliado ao fato de que por meio das crianças seria possível atingir as famílias.

As práticas do remo/regatas dentro do Estado de São Paulo dão ênfase ao “perfil esportivo” do santista e se materializaram de forma inequívoca, na documentação encontrada.

[...] com a fundação dos clubes, a prática e divulgação do remo, o esporte tomava os rumos da conquista popular, obtendo progressivamente novos adeptos e realizando-se na cidade provas constantes... O remo era o esporte que havia conquistado a população e as regatas tornaram-se grandes acontecimentos.  
(PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS, s/d,p.13-14).

São fundados - todos eles no ramal da Ponta da Praia - o Clube de Regatas Santista em 30 de abril de 1893; o Clube Internacional de Regatas, em 24 de maio de 1898, o Clube de Regatas Saldanha da Gama em 14 de julho de 1903 e o Clube de Regatas Vasco da Gama em 1911. Em 16 de julho de 1897 ocorreu a primeira regata no Estado de São Paulo, em Santos, promovida pelo Clube de Regatas Santista.

[...] Também já existia, nesses tempos precursores, renomados astros dos clubes de Santos, como Edgar Perdigão, também remador, e Manoel Câmara. O relacionamento com a cidade de Santos, comum no remo, também se verificava nos demais esportes aquáticos, todos regidos pela mesma entidade, a Federação Paulista das Sociedades de Remo.(NICOLINI, 2001,p.89)

A valorização da educação física e dos esportes dentro do ideário republicano de civilização, progresso e modernidade, encontra seu substrato no

pensamento médico-higienista, da crença no aprimoramento da raça e os cuidados com a saúde e o corpo, simbolizados pela máxima “mens sana in corpore sano”. Na escola a educação física foi institucionalizada como ginástica.

Esse movimento da racionalidade médica construiu um discurso especializado que, também se ocupa da higiene nos colégios. O médico e escritor Artur Neiva, reconhecido higienista brasileiro, afirmava que: “alma, sensibilidade, finesse, só poderiam ser expressões de um espírito que viesse emoldurado por uma estrutura física compacta, saudável, robusta”. (apud SILVEIRA, 2006).

O grande mérito do pensamento médico-higienista foi criar grande parte das condições para o processo de escolarização da educação física, e compreensão de sua adesão ao mundo social. Os médicos encaminharam a relação entre exercícios físicos e o conhecimento anátomo-fisiológico. Na escola a educação física foi institucionalizada como ginástica aquela que, traduzia preocupações higiênicas com os tratos do corpo.

As teses médicas e escolares apontavam a necessidade do processo de escolarização e de profissionalização do magistério. O problema da formação de professores de educação física, que então se reclamava, era a sua formação especializada, detentora dos fundamentos, dos métodos e das técnicas modernas desse saber; mas que também conhecessem os princípios e as tendências gerais da educação. Essa era uma das faces da questão, já com o olhar de uma visão panorâmica de uma educação integral, voltada a uma civilização que se tornava mais complexa.

Nessas práticas de intervenção pedagógica, o asseio e a decência eram elementos destinados a produzir comportamentos civilizados. A modelagem da infância, garantia eficácia da educação sanitária. A moralização dos costumes respaldada pela ciência evidencia a forte articulação entre higiene e educação nesse período. A escola fez-se cenário dos rituais de saúde intervindo sobre o aluno e produzindo práticas escolares modelares, o que justificava a capacidade redentora da escola primária nessa questão.

O discurso educacional elaborado no interior do projeto republicano construiu a representação da “missão regeneradora da escola”. Este novo ordenamento faz, da educação, uma prática de ensino que deve traduzir novos postulados éticos e científicos em valores morais e normas de comportamento. No caso paulista, questões eram postas em discussão, com a finalidade de estruturar um sistema de ensino modelar para o Estado, a feitura de um programa e trabalhar a propaganda da escola pública pelo esforço em criar estabelecimentos de ensino e escolarizar a população infantil. Combater o analfabetismo através do alargamento da rede escolar primária e secundária do ensino público.

Entre os estabelecimentos de ensino mantidos pelo Estado em Santos, figuravam o Grupo Escolar Dr Cesário Bastos, instalado em outubro de 1900; o Grupo Escolar Barnabé, instalado em julho de 1902, e o Grupo Escolar Vila Macuco, instalado em 1915. (PEREIRA, 1996, p. 112-115)

[...] Nos grupos escolares, nas escolas normaes, nos gymnasios, nas escolas profissionaes, nas academias, por uma organização de sociedades internas, adequadas, especies de república em miniatura, podem os moços adquirir hábitos de moral cívica, compreendendo e praticando os mandamentos da Pátria...Ao deixarem a escola, encontrarão, na vida pública, uma ampliação daquillo, a que se habituaram. Só por esta forma podem os moços preparar-se para a vida que os espera de cidadãos da democracia brasileira. (ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1918, p. 243)

Na escola republicana, o pensamento pedagógico incorpora a ginástica ou a educação física para o atendimento desses novos ideais. De acordo com Soares:

“As práticas físicas modificam-se pelas dinâmicas culturais e, portanto formam um interessante acervo da história do homem e constituem-se em objeto de ensino, são pedagogizadas.” (SOARES1996, p.6).

Para a educação física brasileira, às contribuições de Rui Barbosa no século XIX, juntam-se, na Primeira República, as de Fernando de Azevedo que vai ressaltar o papel da educação física escolar (1915) e do estudo da cultura atlética (1920). Em Santos, Arthur Porchat de Assis é autor de uma das raras obras pedagógicas produzidas na cidade: “Eduquemos” (1915).

Fazendo parte do projeto social, os cuidados com o corpo são deslocados da família para a instituição escolar. O pensamento de Fernando de Azevedo elege a educação e destacadamente a escola como redentora dos aspectos sociais e políticos do país; nele a educação física é valorizada:

[...] que a educação física é, antes de tudo e essencialmente educação, e, como parte desta, se liga a uma teoria geral da educação; que qualquer programa “pedagogicamente aceitável”,

pelos seus fundamentos psicológicos e sociais, tem de desenvolver-se “em relação orgânica com a educação como um todo e, portanto com as outras matérias e secções nele representadas. (AZEVEDO,1920,p.17).

Articulando de forma inovadora a utilidade da ginástica pedagógica, dentro do racionalismo sobre o qual devia assentar-se o sistema escolar da educação física, Fernando de Azevedo salienta a necessidade de ater-se às diferenças individuais, ao equilíbrio funcional dos órgãos, ao modelo progressivo, articulando dessa forma os princípios da fisiologia e psicologia. A educação física e a atividade esportiva representam hábitos salutareos e modernos, proporcionando àqueles que as praticam benefícios higiênicos e morais, fatores básicos para a regeneração sócio-cultural.

Em Santos, Arthur Assis ressaltava também a importância dos exercícios físicos como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento intelectual. Ele era bacharel em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco. Ao escrever sua obra pedagógica, ministrava aulas de Pedagogia no curso de formação de professoras -Liceu Feminino Santista - e foi diretor de uma grande escola profissionalizante para meninos pobres, o “Instituto D. Escolástica Rosa”. (PEREIRA, 2006, p.7-8)

No capítulo II “Da Educação Physica”, explicita que na educação moderna e no aforisma “mens sana in corpore sano” está a perspectiva para a qual devem se dirigir os esforços dos educadores. Neste capítulo dedica-se ao estudo da educação física na escola (dentro de uma educação integral), importante no fortalecimento da raça, na formação de corpos fortes e saudáveis, necessários para a Pátria e uma boa aprendizagem.

Dá preceitos sobre o uso do vestuário, sobre o regime alimentar. Valoriza a ginástica higiênica e os esportes da natação, canoagem (remo), esgrima, tanto para meninas como para meninos. O diabolo também é aconselhado para as meninas. O futebol, cuja prática estava conquistando rapidamente a população, devia ser evitado, pois é muito violento, exige muitos esforços. Há a necessidade de recuperar os jogos tradicionais como a barra, o lenço queimado, a cabra cega etc; de constituírem-se lugares adequados e de preparar profissionais especializados. Essa educação física não deve ter por fim os exercícios militares. Apesar de ser um texto teórico, percebem-se várias passagens sobre a existência de práticas escolares. Assis teria em mira a presença dos instrutores militares na escola?

Finalizando, sabemos que são os costumes, as tradições e os rituais que dão sentido à vida. É no esforço para enxergar o invisível que justificamos nossa própria presença no mundo; treinamos a sensibilidade para perceber a presença avassaladora de algo que se manifesta na densidade da história e ganha “corpo”. O esporte configurou um estilo de vida em Santos, atrelado à modernidade, e a educação física, dentro do pensamento pedagógico, teve significativa importância como fenômeno cultural.